

Nunca é tarde para ser feliz: a imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã

Mario Brum¹

AMOROSO, Mauro. *Nunca é tarde para ser feliz: a imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã*, Editora CRV, Curitiba, 2011.

Recentemente, o Instituto Pereira Passos (IPP), da prefeitura do Rio de Janeiro, declarou que 44 favelas, entre elas Santa Marta e Vidigal, não deveria mais ser assim caracterizadas. Tal afirmativa foi alvo de polêmica entre lideranças, população local e mesmo por vizinhos das possíveis ex-favelas. Para o IPP, o que justificaria a mudança seria o grau de urbanização e serviços que esses locais contariam, que deste modo, não justifica a permanência da designação ‘favela’ sobre eles.

Uma maior presença de serviços e infraestrutura urbana é suficiente para eliminar o estigma de ‘favela’ desses locais? Sendo as favelas atuais objetos de grande volume de investimentos e políticas públicas por parte dos governos Federal (Programa de Aceleração do Crescimento), Estadual (Unidades de Polícia Pacificadora) e Municipal (Morar Carioca), estaria a cidade do Rio de Janeiro caminhando para secular eliminação das barreiras, acima de tudo, simbólicas, que opõem favela e ‘asfalto’?

Afinal, o que é uma favela? Que características físicas e/ou simbólicas um determinado local possui para ser considerado, quase nunca de maneira consensual, uma favela? Quem produz, e como são produzidos, os discursos sobre as favelas?

É esse o desafio que o historiador Mauro Amoroso se lançou em “Nunca é tarde para ser feliz: A imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã”, sua dissertação de mestrado, defendida em 2006, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, e que se tornou livro pela editora CRV.

O estudo de Amoroso se enquadra na mais recente apropriação da favela como objeto de pesquisa histórica, no esforço para compreender como ela permanece como área estigmatizada da cidade. Em que pesem as significativas mudanças que as favelas tiveram através da sua trajetória de mais de um século, especialmente nos últimos 30 anos.

Em sua pesquisa, Amoroso procura compreender como se forma o imaginário acerca da favela por outros atores que não apenas seus moradores ou o

Estado. E nesse sentido, a originalidade do livro está em analisar a produção fotográfica sobre a favela a partir de atores pouco ou nada estudados: os repórteres fotográficos, pois “o debate sobre os discursos acerca das favelas deve sempre almejar a problematização da multiplicidade de seus produtores, bem como o papel por eles desempenhados”(p.44).

Usando metodologia de estudos de imagem, Amoroso analisa as fotos sobre favelas do extinto e importante jornal *Correio da Manhã*, incluindo aí a relação entre o olhar do fotógrafo e a percepção que este tem sobre a favela, que norteavam as escolhas entre o que deveria ser fotografado e o que não deveria, no que Amoroso paralelamente trabalha com história oral, entrevistando os repórteres fotográficos, para entender as representações e interesses que guiavam aqueles que produziam as fotos. Aliás, as fotos estão lá para que o leitor possa acompanhar esses processos, uma oportunidade de ver as favelas de décadas atrás, o que por si já constitui atraente motivo para leitura.

Num intrincado jogo, entender essas representações e interesses passa também por compreender o contexto histórico em que elas ocorrem, e quais as pautas jornalísticas que, em posse das fotos, selecionava o que deveria ou não ser publicado, afinal, para Amoroso “é importante tecer uma análise do discurso elaborado e veiculado pela mídia, tendo em vista sua participação como sujeito produtor de subjetividades que influenciam tomadas de decisão em diferentes esferas da sociedade.”(p.56), no que o autor faz uma apurada investigação que analisa inclusive as fotos originais e como elas foram publicadas detectando edições em que cortes nas margens das fotos (ainda estamos distantes dos tempos do Photoshop), por exemplo, revelam as maneiras que os discursos sobre as favelas, e o que pretendia se mostrar sobre elas eram (re)produzidos por um importante meio de comunicação que atingia boa parte da intelectualidade carioca e, conseqüentemente, interferia nas suas noções sobre favela.

Na Introdução e no primeiro capítulo, o leitor terá contato com as mais recentes discussões sobre as imagens como objeto de estudo, que darão subsídios para a discussão travada posteriormente. O que faz com que o livro possa ser atraente para estudantes de comunicação, entre outros, que queiram compreender um pouco de teoria e metodologia sobre Iconografia. No primeiro capítulo, ainda Amorosos justifica a escolha pelo jornal *Correio da Manhã*, o que acaba rendendo uma bela reconstituição da história desse jornal, que acabou falindo em 1974, segundo alguns dos depoentes de Amoroso, entre outras fontes, por pressões da Ditadura Militar instaurada em 1964.

Nos capítulos 2 e 3 o livro faz a análise de dois episódios emblemáticos na história das favelas do Rio de Janeiro: respectivamente, o desmonte do Morro Santo Antônio e a “era das remoções” levada a cabo pela Ditadura Militar de 1968 a 1973, que acabou eliminando da paisagem urbana favelas como a Praia do Pinto, o Parque Proletário da Gávea e a Catacumba, entre outras. No primeiro caso, o mote das fotos tinha como temática o progresso que a derrubada do morro significava, levando a que a favela em que o morro havia se tornado estivesse quase sempre ausente nas fotos. Como aponta Amoroso analisando o que é central nas fotos:

E o fato da escavadeira, do espaço de circulação, da poeira, dos elementos que constroem significados de progresso e que fiscalizam a ação dos que o implantam, terem prioridade no corpo fotográfico analisado, evidencia o caráter proposital e objetivo da construção da categoria ‘favela’. No caso em questão, pela quase-ausência desta. (p. 94)

No segundo, a justificativa da remoção privilegiava nas fotos a demonstração do atraso que marcava as favelas e seus moradores, destacando-se nas fotos a pobreza e a precariedade das favelas, adjetivando-as sempre de modo negativo:

Nota-se, em uma concepção semelhante à vigente pelos técnicos estatais atuantes na elaboração da política habitacional, um esforço de articulação entre representações de precariedade, de infra-estrutura urbana e de higiene, referentes ao espaço favela e ao seu habitante, moralmente precário, promíscuo, frágil, incapaz de exercer uma cidadania autônoma e positiva, para si e para a sociedade. Desse modo, há uma tendência à construção homogeneizadora de representações sobre as favelas e seu habitante, focada na precariedade moral e incapacidade de autonomia social. (p. 145-46)”

Enfim, compreender a favela passa por conhecê-la e analisá-la a partir das diferentes conjunturas históricas e, dentro disso, das variadas representações sobre elas produzidas por diferentes atores. Desse modo, o livro de Mauro Amoroso é uma fundamental contribuição, enriquecida por uma abordagem original e uma leitura rica em subsídios para assistentes sociais, historiadores, sociólogos, antropólogos, jornalistas e todos aqueles que querem conhecer este objeto tão polêmico, tão complexo e tão pouco entendido como a favela.

Recebido em outubro de 2011, aprovado para publicação em dezembro de 2011.

